DISCURSOS E CONFERÊNCIAS

O Magnificente Studart

Luís Sucupira

Entre as numerosas constelações que cintilam no firmamento cultural do País, fulguram o grupo representativo do pensamento cearense como um dos mais refulgentes pelo brilho das emanações intelectuais e pelas irradiações de talentos na verdade incandescentes.

E nesse conjunto de estrelas de primeira grandeza, afirmações superiores de personalidades que se tornaram merecedoras dos aplausos, respeito e admiração das gerações do seu tempo e das demais que se lhe vêm seguindo, sem rebuços e sem contradições, cumpre, no que diz respeito diretamente ao Instituto do Ceará, tornar sempre presente, num justo deslumbramento dos seus galardões, a figura ilustre por todos os títulos eminentes e respeitáveis de Guilherme Studart. Agraciado posteriormente pela Santa Sé com o título de barão, conforme Breve pontifício assinado pelo Papa Leão XIII, em 22 de janeiro de 1900, passou daí por diante, "em documentos públicos e particulares, em diplomas e mesmo em quaisquer letras apostólicas, passou por esse título o de honra a ser tratado e chamado licitamente". Aliás, engrandeceu de tal modo a investidura, que passou a ser conhecido tão-somente pelo nome de Barão, não se lhe acrescentando mais prenomes ou sobrenomes.

Outra especial e proeminente distinção foi conferida a Guilherme Studart pelo Rei da Inglaterra, que, na qualidade de "Chefe Supremo da mui respeitável Ordem do Império Britânico" e tratando-o como "leal e bom amigo", em solene documento datado de 5 de junho de 1926, "folgava nomeá-lo

membro da Divisão Civil da referida Ordem, concedendo-lhe dignidade e outorgando-lhe poderes e direitos juntamente com todos os privilégios a ela pertinentes", podendo ele usar as três letras ESQ, resumo da palavra ESQUIRE, que, segundo a Enciclopédia HACHETTE, é o "título honorífico que se dá, na Inglaterra, àqueles que não tem título nobiliário, sendo uso colocar-se após o nome a abreviação ESQ". Tornou-se Guilherme Studart merecedor da excelsa honraria por haver, durante 53 anos prestado inestimáveis serviços à Inglaterra, na qualidade de seu vice-cônsul no Ceará. Neste caso, no entanto, é de notar que o Barão de Studart nunca veio a utilizar a faculdade inerente ao posto ao que foi elevado, talvez por lhe bastarem as galas da heráldica pontifícia.

Nascido em Fortaleza, na então Rua da Palma, atualmente Major Facundo, no dia 5 de janeiro de 1856, de pai inglês, John William Studart, e de mãe cearense, Leonísia de Castro Sutdart, jovem, rica, bonita, prendada e de invejável posição social, foi primogênita do casal, que veio a gerar dez filhos.

Dedicado aos livros desde a infância, a ponto de nunca haver participado dos jogos infantis, próprios da idade, destacou-se nos estudos secundários, feitos na Cidade do Salvador, Bahia, no Ginásio Baiano, do célebre professor Abílio César Borges, conquistando ali medalha de ouro, prêmio somente atribuído a alunos excepcionais, como Castro Alves, Rui Barbosa e Rodolfo Dantas. Com apenas 16 anos ingressava na Faculdade de Medicina, alcançando o doutorado em 1877, com notas excelentes, defendendo tese em que tratava da Eletroterapia, com adoção do emprego terapêutico da eletricidade, uma indiscutível novidade para a época, alcançando aprovação distinta.

De tal maneira se tornava alvo da admiração de seus mestres que foi solicitado a ingressar no corpo docente da Escola, preferindo, porém, regressar ao Ceará, traído pela convivência da família e pelo desejo de colocar-se inteiramente ao serviço de sua gente.

No entanto, mal punha os pés na terra do berço sofreu o impacto do falecimento do pai, em fevereiro de 1878. E, ainda pior, precisava enfrentar a situação financeira da família, em que se apresentava sobremaneira precária.

John William ocupara posições destacadas na sociedade cearense, integrando-se galhardamente na vida social, econômica e religiosa do meio. Dedicando-se ao comércio, al-

cançava situação invejosa. Aproveitando a Guerra da Secessão, nos Estados Unidos, entabulou importantes negócios com os sulistas. A derrota destes, porém, repercutiu de forma lamentável nas finanças de John William, vendo-se obrigado a recolher-se à vida privada, atingido por grande amargura, mais aumentada com dolorosos sofrimentos físicos que o levaram apressadamente à sepultura. Deixara na orfandade onze filhos, sendo oito do primeiro casamento e três do segundo, pois, enviuvando, convolara novas núpcias com a cunhada, Augusta de Castro Studart.

Foi esse o cruel panorama que se apresentou ao jovem médico, que trazia na mente empolgada de projetos e sonhos venturosos. A fortuna de John William evaporara-se. O bem-estar de que gozava a numerosa família desfavorecera. A boa casa da Rua da Palma fora substituída por uma acanhada residência no Calçamento de Messejana, hoje Avenida Visconde do Rio Branco.

Assim, para o jovem esculápio o quadro se apresentava desolador. Mas não desanimador, pois Guilherme Studart acostumara-se nos anos passados longe da família a enfrentar a vida. E sem demora lançou-se à luta. De levada formação religiosa, mais desenvolvida na sua estada na Bahia, de cujo meio estudantil se tornara líder, nas lutas que se travava com elementos da Maçonaria, na célebre questão religiosa, de que foram vítimas os bispos D. Vital e Macedo Costa, aceitou o desafio que se lhe antolhara de maneira insólita. Arregaçou as mangas e entrou duramente na peleja. Sua tia e madrasta lhe deu decidida cobertura, servindo-lhe de poderoso incentivo, pois, apesar de sua fina educação, dispôs-se igualmente ao combate e instalou em casa uma pequena padaria, na qual se empregava a fundo e com isso passou a contribuir para os gastos domésticos.

Por sua vez o jovem médico passou a desenvolver incansável atividade, não só atraindo boa clientela como aceitando ofícios dentro dos seus conhecimentos. Estava-se enfrentando os terríveis efeitos da seca iniciada em 1877 e que só ia desaparecer em 1879. O número de infelizes flagelados, cada vez mais avultado, a par da miséria e da fome, era atingido sobretudo pela varíola, em forma epidêmica, matando em média mais de mil pessoas por dia, tendo os óbitos atingidos no ano de 1878 a pavorosa cifra de 57.780 pessoas, em Fortaleza, cuja população normal não passava de 20 mil habitantes.

O Dr. Guilherme Studart dispôs-e a assistir os pestosos em grande número isolados em acampamentos nas vizinhanças de Maranguape, para ali se transferindo e indo morar nos alojamentos dos retirantes, atendendo desveladamente e sem restrições a quantos necessitavam de sua assistência, que era todo mundo. Nesse afã indormido de servir cometia o que muitos consideravam verdadeira loucura.

Encerrada a fase tormentosa do cataclisma, entregou-lhe o Presidente da Província, José Júlio de Albuquerque Barros, a incumbência de transferir para a Santa Casa de Misericórdia os enfermos restantes, que se acumulavam nos acampamentos provisórios, tendo o seu sucessor, conselheiro André Augusto de Pádua Fleury, dando-lhe, a seguir, a incumbência do cuidado dos órfãos que foram recolhidos a um abrigo em Jacarecanga.

Apesar de todo esse desdobramento de atividades, sem remuneração alguma, como declarou o mesmo Conselheiro Fleury, não descurava Studart do atendimento aos irmãos necessitados de sustento e amparo. Com a maior dedicação tomou a seu cargo a educação de todos eles, conseguindo encaminhá-los para os estudos superiores, formando-se um em Medicina, dois em Farmácia e dois em Direito.

Somente quando julgou terminada sua missão de assistir a irmandade é que pensou em constituir a própria família, quando já contava 33 anos de idade. Suas atenções voltaram-se para a jovem Luisa de Gonzaga da Cunha, de 25 anos, filha de Severiano Ribeiro da Costa, Visconde de Cauípe, moço fidalgo da Casa Imperial, e de Eufrásia Gouveia da Cunha. Com ela veio a casar-se no dia 3 de fevereiro de 1889, tendo deste enlace cinco filhos.

A vida matrimonial foi de curta duração, pois em 16 de setembro de 1898 veio a perder a esposa, com a qual convivera na maior felicidade nove anos apenas.

Ficaram na orfandade cinco crianças, sendo a mais nova com nove meses de idade.

Para consolar a viuvez resolveu entregar-se aos estudos da História do Ceará, e isso dedicando-se daí por d'ante de corpo e alma, o que lhe foi facilitado pela folgada situação financeira, fruto do seu amor ao trabalho e da herança deixada pela saudosa companheira.

Como escreveu Dolor Barreira, tornou-se insuperável historiógrafo, impondo-se pelo caráter de honestidade, pelo rigor probidoso que encheu toda a sua imensa obra de grande se-

veridade, transmitindo ao leitor o sentimento profundo da verdade. Com apreciável tipo soube selecionar, na sua enorme coleção de documentos, os elementos básicos e indestrutíveis com que, em primeiro lugar, ordenou e redigiu corretamente trechos novos da história, expondo fatos ainda desconhecidos, inéditos ou apenas vislumbrados, em segundo lugar corrigiu muitos erros que se repetiam e se firmavam alhures, e, em terceiro lugar, conseguiu apontar indícios e orientar esboços de conhecimentos que ainda se concretizam e se conformam sob o encargo de outros beneditinos da história nacional.

Em face disso e depois disso não se pode alcunhar de exagerada a determinação estatutária desta casa de estudos, se estabelecer, no seu artigo 30, a obrigação de comemorar-se anualmente, no dia 5 de janeiro, de modo todo especial, no resguardo da sua memória e na glorificação crescente de seu nome, a personalidade imarcescível de Guilherme Studart, o glorioso Barão de Studart.

Porque disso ele se fez merecedor, não somente por ter sido fundador do Instituto do Ceará, padrão de glória da cultura cearense, como porque exerceu ação multiforme e das mais destacadas na nossa melhor sociedade, esplendendo sua figura de homem de saber nos diversos ramos das atividades intelectuais, sociais, beneficentes, associativas e espirituais em nossa terra, este Ceará que, como ele mesmo disse, dedicava entranhado amor e pelo qual se sentia capaz de fazer todos os sacrifícios.

Como dele afirmou Paulo Bonavides, era possuidor de rara capacidade de critério científico, nunca talvez entre nós exercida, dele também testificando Rodrigues de Carvalho que, entre os superiores homens do Ceará, Guilherme Studart avantajava-se pela tenacidade com que colabora em todas as manifestações da inteligência nesta terra, acrescentando que toda a atividade intelectual do Ceará gira em torno do nome laureado do historiador cearense.

Era na verdade um espírito dominado pela sede de conhecer e ainda de espalhar a mancheias o tesouro de coisas novas e velhas, que, como o bom pai de família citado no Evangelho, ia conquistando com amor, adquirido na paciência das pesquisas e amealhando sem usuras ambiciosas.

Temperamento eminentemente associativo, ao contrário de Capistrano de Abreu, dedicou-se a formar e manter em torno da sua pessoa um círculo de amizade elevada, como se

propôs e se dispôs, e conseguiu organizar numerosas entidades intelectuais e científicas de caráter construtivo, devendo-se à sua iniciativa pessoal a fundação e funcionamento do Instituto do Ceará, Academia Cearense de Letras, Centro Literário, Instituto Pasteur, Centro Médico, Sociedade Cearense Libertadora, Centro Abolicionista, Associação Médico-Farmacêutica, Círculo Católico e a secção cearense da Cruz Vermelha, em todos esses sodalícios figurando como *primus inter pares,* responsabilizando-se mesmo, em muitos casos, pela sua existência e sobrevivência.

Se, porém, o Instituto do Ceará vem procurando manter vivo o culto à memória do Barão de Studart, os nossos governantes ainda não deram a merecida atenção ao esforço, dedicação e sacrifício empregados pelo Barão para se tornar conhecido o passado histórico da gente cearense. Basta relembrar o nenhum caso dado pelo poder público à Coleção Studart, em que aplicou ele tanto amor, empenho e carinho e que continua quase ignorada no que pôde ser salvo da incúria, da desídia, do abandono a que foi relegada essa preciosidade por seus herdeiros. E se somente não chegou ao desaparecimento total, deve-se isso ao inestimável trabalho e atenção desse outro emérito historiador, membro deste Instituto, que é Raimundo Girão. Foi ele que, conforme narra, conseguiu, depois de pacientes tentativas, com os olhos rasos de tristeza, retirar o que conseguiu do deplorável estado de conservação em que se encontrava, relegada a uma cafusa da casa em que residia o Barão. Tudo isso em desalinho, estragado pelas águas que desciam do andar superior, através de esburacado assoalho de madeira. Muitas das miscelâneas achavam-se inteiramente imprestáveis, irrecuperáveis.

Felizmente esse precioso despojo encontra-se agora sob a guarda do Instituto do Ceará, cuidadosamente vigiado, pois é valioso repositório de conhecimentos para os estudiosos das coisas do Ceará. Oferecer meios e modos para que tanta preciosidade chegue ao alcance dos nossos estudiosos é que deveria ser compromisso assumido pelos nossos governantes e disso poderia encarregar-se a Secretaria da Cultura.

Como diz Raimundo Girão, não foi para guardar-se bolorento e inútil nas prateleiras das bibliotecas que o velho Barão, anos e anos, manipulou o seu opulento cabedal de investigações. Pelo contrário, esse cabedal está cada vez mais se apresentando como desafio à inteligência e ao amor da cultura.

NOTAS

* Foram os seguintes os filhos de John William Studart:
Do primeiro casamento com Leonísia de Castro Barbosa, em 24-02-1855: Guilherme, nascido em 05-11-1856, Maria Joana Guilherme Studart, nascida em 20-07-57, (falecida menina), João Guilherme Studart, nascido em 13-07-1858 (médico), Leonísia Studart da Fonseca, nascida em 06-02-1860, Joaquim Guilherme Studart, nascido em 18-08-1861 (falecido seis dias depois), Carlos Guilherme Gordon Studart, nascido em 23-03-1862 (farmacêutico), Eduardo Guilherme Oswaldo Studart, nascido em 21-10-1863 (bacharel), Emília Guilhermina Studart Gurgel do Amaral, nascida em 31-12-1864, Oswaldo Guilherme Studart, nascido em 11-02-1866 (farmacêutico), Georgina Studart, nascida em 23-04-1867.

Do segundoca sasamento com Augusta de Castro Barbosa, em 30-03-1870, Jorge Augusto Studart, nascido em 27-10-1870 (bacharel), Guilhermina Studart Viana, nascida em 13-11-1871, Alberto Augusto Studart, nascido em 08-03-1873.

— Quando o Baraão de Studart, recém-formado, tomou conta da família deixada pelo pai, o irmão mais velho tinha 19 anos e o mais moço 5 anos. Eram 7 da primeira mulher, excluindo ele, e 3 da segunda.

Desses irmãos um formou-se em Medicina (João Guilherme chegou a Capitão-Médico da Armada), dois em Direito (Eduardo Guilherme e Jorge Augusto), dois em Farmácia (Carlos Guilherme e Oswaldo Studart). Das irmãs, Leonísia casou com o cel. João Fonseca Barbosa; Emília Guilhermina casou com Benjamim Gurgel do Amaral; Georgina casou com Antônio Queiroz Mendes e Guilhermina casou com Francisco Bezerra Viana.
Do casamento do Barão de Studart com Luisa de Gonzaga Cunha nasceram os seguintes filhos: Renato Studart, formou-se em Medicina, Maria Lia Studart Hunger, professora diplomada, casada com o prof. Arnaldo Martinho França Hunger, Guilherme Studart Filho, bacharel em Direito, Maria, natimorta, Leonísia da Cunha Studart, casada com Artur Pereira Studart, Luis Studart.